

FEZ QUATRO TRAVESSIAS TRANSATLÂNTICAS SOZINHO, MAS COMEÇOU POR LAVAR BARCOS QUE PASSAVAM NO TEJO. AOS 17 ANOS FOI ESTUDAR CIÊNCIA AMBIENTAL MARÍTIMA PARA INGLATERRA E TRABALHAR NUM ESTALEIRO. AOS 21 DEIXOU PORTUGAL, DESILUDIDO E COM CINCO CONTOS NO BOLSO. POUCO DEPOIS COMANDAVA UM NAVIO NAS CARÁIBAS. EM VÉSPERAS DE PARTIR PARA O MAR COM O SEU PRIMEIRO VELEIRO, RICARDO DINIZ FALA DA VIDA DE NAVEGADOR SOLITÁRIO. NO MAR E EM TERRA.

RICARDO DINIZ 'FICO COM MAU FEITIO QUANDO NÃO HÁ VENTO'

ENTREVISTA DE ALEXANDRA TAVARES TELES
FOTOGRAFIAS DE JORGE AMARAL/GLOBAL IMAGENS

Diz que é mais alpinista do que velejador. Porquê?

— Se compararmos o ritmo de um velejador e o de um alpinista, um velejador tem normalmente um objetivo competitivo. Há um objetivo de competição. No alpinismo, não. É um desafio humano, a ideia é superar as dificuldades. Estou ali e estou sozinho, apenas com a montanha. Posso ter outros alpinistas à minha volta, mas sou eu e a montanha. É também por aí. Não faço regatas. Estou eu e o mar. **Nunca quis ser um atleta, ir pelo lado competitivo?**

— Não, porque a minha evolução de vela não foi assim. Não comecei a velejar em pequeno.

Como começou a velejar?

— Comecei, sim, a gostar do mar, porque sou português, temos a história e levavam-me para a praia desde criança. Era o *highlight* da minha vida, ir para a praia e estar ali no mar.

Mas o mar assusta as crianças.

— E também me assustava. Lembro-me de não saber

nadar e de o meu avô ou o meu tio me atirarem ao mar. Tinha medo, mas aprendi a nadar. Primeiro, à cão. Nunca tive aulas, nem de vela tive. Depois, foi a prancha de esferovite. Só queria *surf* e ondas. Passei a minha infância a fazer *surf*, de forma obsessiva, até. **Aos 4 anos foi viver para Inglaterra. Um clima mau para quem gosta de mar e praia.**

— Mas, quando vinha cá de férias, vinha com redobrada vontade de estar com o mar. Com 12 ou 13 anos, comecei a pescar, a fazer mergulho em apneia. Fui construindo com o mar uma relação de muita confiança. Inevitavelmente, tinha de ir parar ao mar. Num barco à vela, porque as pranchas e o mergulho chegavam até um certo ponto, mas se há forma de interagir muito com o mar é num barco à vela.

É um velejador solitário. Porquê?

— Ir acompanhado levanta problemas. Já atravessei o Atlântico com um grande amigo e chegámos ao outro lado quase à estalada. Navegar em solitário

gera novos desafios. O *surf* é muito independente. A minha infância foi muito independente. Quando fui para Inglaterra, com 4 anos, não falava nada de inglês e a professora isolava-me um pouco dos outros, porque eu distraía-os. Era irrequieto. Falava com as árvores ou com os bichinhos. Habituei-me muito a isto. Era, de facto, diferente. Era mais alto, o meu tom de pele era diferente, tal como a minha língua. Tudo aquilo me isolava.

Vai para o mar para fugir de alguma coisa?

— Não. É a minha forma de ser. É o fio condutor. Estou habituado a isso. Gosto desse desafio de superar sozinho, de resolver sozinho. De não dar grande maçada às pessoas.

Há quem diga que velejar é antes de mais uma arte de resolver problemas.

— É um xadrez autêntico. É fascinante ter de decidir, várias vezes por dia, o que é urgente, o que é essencial. Isso é tão giro.





«NUNCA OLHEI PARA O MAR PARA ME DAR DINHEIRO. MAS DEU-ME MUITO. E CONTINUA.»

Com o primeiro barco só dele. Aquele com que irá percorrer as fronteiras marítimas de Portugal.

Conte um episódio.

— No dia 31 de dezembro de 2005, parti sozinho rumo a Dakar, ao mesmo tempo que o rali. Tive 15 dias para preparar a viagem, o patrocinador entrou à última hora. Não tinha verba para pôr o barco como queria, fui com o que tinha. O meu primeiro filho estava com 3 meses e tomei uma decisão em trinta segundos. Arranquei com muita fé, porque não consegui planejar tudo, estava mau tempo e sabia que o piloto automático não ia funcionar muito bem. De facto, deixou de funcionar passados dez minutos de eu arrancar do Tejo. Tive de improvisar com um clipe de papel.

Sem o piloto automático não dormiu...

— Dormi dez horas em 15 dias até Dakar. Fui praticamente sempre ao leme. E improvisei com cabos. Um cabo puxa a roda do leme de um lado, outro, do outro.

Com que idade aprendeu a velejar?

— A trabalhar. A lavar muitos barcos, em Lisboa, nas docas. A falar com «muitos barcos» estrangeiros que passavam aqui no Tejo. A ajudá-los logisticamente. Vinha acolhê-los e aprendia com eles. Fazia-o na esperança de poder ir até Sines, Sesimbra

Quando parte tem noção de que pode ser o último adeus?

— Não. Quando ponho o cinto no carro a caminho de algum lado, sim. Tenho muito respeito pelo carro e pela estrada. Muito mais do que quando vou para o mar sozinho. Preparo a expedição e confio nessa preparação. Mas se morrer numa tragédia, espero que seja no mar, de facto. É muito mais romântico e a história fica muito mais bonita.

A morte por afogamento não deve ser das melhores.

— Mas é serena. Já morri afogado e depois não morri. O cabo que liga a prancha ao surfista amarrou-me de uma maneira tal que fiquei preso debaixo de água. Comecei a desmaiar, senti uma escuridão maior, estrelinhas no corpo. Ia morrer e pensei: «Que estupidez estar a morrer assim, quem diria?» Foi o meu último pensamento antes de morrer. E depois não morri.

Nos barcos raramente há volta atrás.

— Essa pergunta é bastante pertinente, porque é exatamente isso que sinto. Quando vou para o mar já tenho de ter tudo a bordo. Não posso mudar de canal. O que tenho, tenho, o que não tenho, azar, que me desenrasque. Isso é tão fascinante, essa questão da independência.



Com 7 anos, na única fotografia de infância em que há um veleiro.

1983



Com 19 anos, a ensinar o irmão Pedro, de 8, a fazer bodyboard.

1996



Na ilha de St. Martin, nas Caraíbas, onde viveu quase um ano.

1998



Nas cataratas do Niagara, a falar pelo telefone-satélite para Portugal.

1999



Nas Caraíbas, quando era comandante de um catamarã.

1999



Numa das suas palestras, no SAS Fórum Portugal.

2011

ou, com sorte, ao Algarve. Comecei a velejar assim. Aos 17 anos voltei a Inglaterra e aí evolui muito. Estudei ciência ambiental marítima em Southampton e quando acabava as aulas ia para um estaleiro aprender a fazer velas. Ganhava cinco libras. Aprendi muito de meteorologia.

Em 1995 tira o curso de comandante. Dos mais jovens de sempre.

— Aos 19 tinha carta de comandante. Aproveitei o que ganhava em Southampton e investi tudo na carta. Estive meses a viver num barco, sem o dono saber. Fazia a limpeza e, ao fim de semana, ia nas regatas. De uma cabina telefónica fazia os meus contactos. Era o meu escritório. Comia massa e maçãs. Era um registo militar – comer e ir para a universidade muito cedo. Eles achavam que eu era um aluno dedicado. O que queria era apanhar o lugar perto dos aquecedores, porque morria de frio no barco.

Tem um lado muito empresarial e prático.

— Nunca olhei para o mar no sentido de este me dar dinheiro. Mas, de facto, o mar deu-me muito e continua a dar. Das coisas que me dão gozo nos projetos é montá-los. Dar retorno aos parceiros que apostam em mim. É uma coisa que fascina. Criei, sem querer, uma agência de comunicação, que vendi em 2010.

Já teve sete empresas.

— Houve uma altura em que tive sete empresas. Sempre tive um espírito irrequieto. Vendia bolos na praia em miúdo e com o dinheiro comprava pranchas de surf.

Viveu um pouco por sua conta e risco muito cedo.

— Foi difícil para os meus pais controlarem a situação. Fui a primeira pessoa na universidade a ter um telemóvel e tinha no meu quarto de universidade um computador e uma impressora. À noite, eles iam todos para os copos e eu ficava a lamber selos e a mandar propostas de patrocínio. A minha cama era uma linha de produção. Todo o dinheiro era investido nisso.

E foi assim que chegou a comandante de barcos nas Caraíbas. Como era a sua vida nessa fase?

— Foi um tempo fabuloso. Acabou por ser um ciclo de dois anos. Saí de Portugal desiludido, em 1998, aos 21 anos. Falhei o meu primeiro projeto, numa altura em que achava que não podia falhar. Era o ano da Expo, dos Descobrimentos, o Ano Internacional dos Oceanos, presidido pelo Mário Soares. Estava ali uma plataforma brutal para arrancar e não consegui. Pensei para comigo, «porcaria de país que não me apoiou, vou para fora». Saí de Portugal com cinco contos no bolso e transformei esse dinheiro em bastante mais

em pouco tempo. Mas foi muito arriscado. Numa loja do Cais do Sodré comprei comida. Fui de autocarro até Coimbra e, depois, de boleia até ao Norte de Espanha. Consegui um barco e trabalho e fui parar às Caraíbas. Investi num flyer promocional muito bom, e distribuí por tudo o que era sítio. Consegui logo trabalho a comandar um barco enorme – nunca tinha comandado um barco daquele tamanho, nunca tinha tido uma responsabilidade daquelas, nunca tinha velejado um catamarã, sequer.

O acidente que teve em alto-mar, numa viagem solitária para o Brasil, foi o pior momento até agora?

— O barco não chegou a afundar-se, mas essa parte foi, de facto, muito difícil. Há oitenta mil contentores no mar e eu bati num deles. Foi um pouco injusto porque demorei cinco anos a montar o meu primeiro projeto. Fui salvo em alto-mar. Mas tive de ser tão reativo para sobreviver, que não me apercebi de ter medo.

Pensou «se me safar desta, nunca mais entro num barco»?

— Não. Já me aconteceu pensar «mal chegue vou logo aos Jerónimos agradecer», que é uma coisa que faço antes e depois das viagens. Às vezes, calha chegar à Póvoa de Varzim, depois de uma tempestade imensa na baía da Biscaia, e vou lá a uma capelinha,

PUBLICIDADE



Continental
O Pneu da Engenharia Alemã



Em Junho há chuva de bolas. Agarre a sua.

**Ganhe uma adidas Tango 12,
Bola do UEFA Euro 2012™
na compra de um jogo
de pneus Continental.**



De 01 a 30 de Junho

2 Pneus Continental turismo em V / W / Y / Z

= 1 bola adidas Tango 12

4 Pneus Continental turismo em S / T / H / Van / 4x4

= 1 bola adidas Tango 12

Limitado ao stock existente.

Consulte os agentes aderentes em www.continental.pt

 www.facebook.com/ContinentalPneusPT



lindíssima, construída em homenagem aos pescadores. Mas faço sempre questão de ir aos Jerónimos. Quando chego a terra, não há nem pais nem filhos. Primeiro, os Jerónimos.

Reza no mar?

— Sim. Há um diálogo constante.

«No mar Deus escuta-me», dizia um grande velejador, Vito Dumas. Sente o mesmo?

— Deus escuta sempre. Mas no mar está mais próximo. Há viagens em que não sei como cheguei até ao fim sozinho.

Como assim?

— Esse Lisboa-Dakar. É fisicamente impossível dormir dez horas em 15 dias. Estava a sair do barco, fui recebido pela comitiva do embaixador, e olhei para trás para ver se do barco saía mais alguém. Estava sozinho naquela viagem mas não estava. Foi uma viagem muito forte. Incrível. A carga emocional de ser pai pela primeira vez é gigantesca. O Miguel tinha 3 meses.

Mas não é uma irresponsabilidade?

— Sim, e também por isso é que estava a ser mais duro do que o habitual.

E egoísmo?

— Sim, completamente. Tive de aprender a dizer «sim, isto é arriscado, é egoísta». Mas já não sofro com isso. Ia para o mar um pouco pesado porque sabia que a minha mãe e a minha avó sofriam. E isso não me fazia bem. Então, consegui digerir isso, fiz as pazes com essas emoções e hoje, sim, sou egoísta e estou tranquilo em relação a isso.

Mas deixou escrito um texto para o seu filho.

— Muito do que escrevo é para que os meus filhos um dia leiam. São dois, o Miguel e a Madalena, com

«DEUS ESCUTA SEMPRE. MAS, NO MAR, ESTÁ MAIS PRÓXIMO.»

6 e 4 anos. Escrevia para eles ainda antes de pensar ter filhos. Descobri uma coisa nova, que é a força de ser pai. Não tinha essa força antes, tinha outras.

Quer dizer que pensa na família?

— No mar, não. Isso enfraquece.

Quando bateu no contentor, quando tempo esteve à deriva?

— Foram 28 horas a boiar.

Já sentia a desidratação?

— Completamente. Estava sempre a desmaiar. Estava gelado, com as mãos brancas. Em certas latitudes o barco fica geladíssimo. Tem uma casca muito fina, passa tudo. Portanto, estou um bicho da natureza.

Acreditou que ia morrer?

— Nunca pensei que podia morrer, mas estava a ficar sem opções. Pensava: «Como é que me desrascos desta?» Era água e um barco cheio de água ao meu lado. Não havia nada.

E nem nessa altura pensou que devia terminar a relação com o mar?

— Não.

Quantas horas dorme em viagem?

— Quatro em cada 24. Aguento bem o ritmo. É muito raro, até em terra, dormir mais do que cinco horas. Profissionalizei-me a dormir. Se tiver, neste momento, de dormir aqui, adormeço em menos de cinco minutos. Se dormir meia hora entre as duas e as três da tarde, vale por três. Fico cansado às 23h30 e posso desligar-me. Mas é perigoso dormir aí porque posso dormir muitas horas. Como só posso dormir cerca de vinte minutos seguidos no barco, nunca mais do que isso...

Como é que consegue acordar?

— Começa a ficar automático, mas tenho sempre despertadores. Gosto de dormir em alturas em que não estou muito cansado ou que estou desperto.

Como é que faz com a comida?

— Depende. No mar como muito. Comida liofilizada. Há refeições de oito mil calorias. São muito apetitosas, quando estamos com fome. Faço muita questão de cozinhar. No barco que está agora a ser arranjado, tenho um fogão de três bicos, grelha e forno. E está sempre direitinho. No barco, noventa por cento do tempo estamos inclinados.

No mar gosta mais do dia ou da noite?

— Estou mais acordado à noite do que de dia, por causa dos navios. Durante o dia veem-me melhor. Tento ter uma rotina, mas janto e almoço várias vezes. Nunca prescindo do pequeno-almoço e da *happy hour*. Tenho de ter um momento para mim, uns amendoins, uma *junk food* qualquer e um cálice de vinho do porto ou meio copo de vinho tinto.

Como é com o enjoo?

— Sim. Fomos desenhados para estar em terra. É perfeitamente normal enjoo. Antes, por causa do *surf*, tinha um ouvido interno sensível e enjoava. Foi o meu grande desafio pessoal, durante anos. Senti-me muito debilitado em relação a isso. Era o meu *private secret*. Sofria imenso e ninguém sabia. Entretanto, descobri truques – estar sempre a comer, deitar-me de barriga cheia e quando acordo meter logo uma bolacha à boca.

E nunca foi acordado por uma tempestade?

— Sim. O mar é muito giro nesse sentido. Acharmos que está tudo sob controlo e depois aparece algo vindo não sei de onde. E qualquer alteração do ritmo do barco acorda-me. Adormeço a ouvir bolhinhas. Se aceleram ou abrandam, acordo. Ficamos iguais ao barco. O barco e eu somos a mesma coisa. Quando entro numa tempestade há um entusiasmo de adrenalina. Posso ter uma tempestade que me ajuda a chegar mais depressa ao destino. Quando há tempestade não há medo, mas sim entusiasmo.

As tempestades são os grandes momentos de perigo?

— Oitenta por cento das tempestades não. Não é tão confortável, se calhar já não vou poder fazer a sopa, mas é normal. Depois, há tempestades perfeitamente

irreais em que uma pessoa faz tudo o que sabe e de nada vale – está entregue ao destino. Amarro-me dentro do barco para não voar e rezo para que ele aguento.

Apesar de acreditar em Deus, é supersticioso?

— Há muita superstição à volta dos barcos, mas não ligo nada a isso. Não se vai para o mar à sexta-feira, não se põem coelhos a bordo. Os franceses, então, são muito rigorosos. No batismo do barco a garrafa de champanhe tem de partir à primeira e nunca se muda o nome do barco. Este meu já vai no quarto nome. Agora é *Montepio Mar*.

Além das tempestades, outro grande perigo do mar?

— Navios, por isso é que não durmo. Porque à velocidade a que vou e a que um pacote vem, a colisão dá-se em 15 minutos.

Bateu num contentor. Há muito lixo no mar?

— Cada vez mais, infelizmente. Já vi um carro aboiar, frigoríficos. A toda a hora vejo algo a boiar.

E situações complicadas, uma dor forte, por exemplo?

— Estava muito longe de terra, a norte das Bahamas, a caminho dos EUA. Antes de partir não sabia que tinha o problema. Começou a doer-me um dente do siso e fiquei preocupado. Tratei-o com ervas caseiras mas estava a pôr a embarcação e a minha vida em risco. Comecei a tomar antibióticos. Então

decidi que o dente tinha de sair. Peguei nas ferramentas e percebi que tinha de arrancá-lo com um alicate. Desmaiei imensas vezes de dor. Quando ele saiu, desmaiei, com sangue por todo o lado. Mas acordei aliviado. E tive de coser o polegar, uma vez.

E como é lidar com a calma?

— Deixa-me possuído. É muito cansativo. Fico com um mau feitio quando não há vento. O barco não anda. Eu aguento uma hora de mar calmo: lavo e estendo roupa... Mergulhar e nadar no mar é incrível. Ir o mais fundo que conseguimos e ficar a ver o barco lá em cima. Adoro. Faço isso quando o mar está calmo, mas depois fico impaciente.

Sente-se mais a solidão?

— Eu nunca sinto solidão. Muitas mais vezes me sinto só em terra. A solidão acompanhada é das piores coisas.

Quanto tempo aguenta a pele sem água doce?

— Estive dois anos sem tomar banho de água doce e estava ótimo. Nunca tive um tom de pele e um cabelo tão bonitos. Basta pôr protetor solar.

E nunca se irrita com o mar?

— Antigamente tinha muita raiva dele. Em 2005, 2006, dava uns grandes berros ao mar. Entretanto, fiquei mais *zen*, porque percebi que o mar não está

a tentar lixar-me. Está a ter o seu momento. Eu estou lá porque quero e tenho de o aceitar. No Dakar tive a breve possibilidade de tomar um banho. Tinha chovido e tinha água doce. Lavei-me e troquei de roupa. Senti-me como novo. Podia ir para o Lux. Abri a escotilha. O barco estava seco. E, nos primeiros dois segundos em que saí, uma onda bateu no barco. E molhou-me. O mar estava a gozar comigo.

Comida favorita em viagem?

— Fruta. Compal de pera e fruta. Até fotografei a última manga da viagem.

Fala com os filhos nas viagens?

— Sim. Mas não estou ali de férias. É uma expedição séria. Uma viagem séria. Requer uma postura de certas emoções. Passei algumas vezes o Natal no mar e a última coisa que vou fazer é ligar à minha avó para ouvir as saudades que ela tem de mim. Não vou expor-me a isso, senão tenho meio dia para recuperar da tristeza. Despeço-me uns dias antes de ir. Lido mal com despedidas. Relaciono-as diretamente com a minha infância, o divórcio dos pais.

E leva fotografias para o mar?

— Poucas. Tenho-as no meu computador e às vezes vejo-as, quando tenho saudades.

PUBLICIDADE



**CAMBRIDGE
SCHOOL**
PORTUGAL

Cursos intensivos de verão e ano lectivo inscrições abertas

Educação: o seu melhor investimento.

Investir em educação é a melhor forma de atingir objectivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

Lisboa - Av. Liberdade
Av. da Liberdade, 173
1250-141 Lisboa
Tel 21 312 46 00
av.liberdade@cambridge.pt

Lisboa - Guerra Junqueiro
Av. Guerra Junqueiro, 8 - 1º dto
1000-167 Lisboa
Tel 21 848 45 44
g.junqueiro@cambridge.pt

Lisboa - Benfica
Av. do Uruguai, 6 - 1º
1500-613 Lisboa
Tel 21 714 18 24
benfica@cambridge.pt

Lisboa - Campo Grande
R. F. Curado Ribeiro, 4E
1600-449 Lisboa
Tel 21 757 76 22
c.grande@cambridge.pt

Lisboa - Parque das Nações
Al. dos Oceanos, Lt 2.11.01 Ac
1990-225 Lisboa
Tel 21 898 82 10
p.nacoes@cambridge.pt

Porto
R. Duque da Terceira, 381 - 1º
4000-537 Porto
Tel 22 536 03 80
porto@cambridge.pt

Coimbra
Pç. da República, 15
3000-343 Coimbra
tel 239 834 969
coimbra@cambridge.pt

Almada
Pç. do MFA, 12 - 1º
2800-171 Almada
Tel 21 276 02 34
almada@cambridge.pt

Funchal
R. da Carreira, 240 - 1º
9000-042 Funchal
Tel 291 743 718
funchal@cambridge.pt

info@cambridge.pt
www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS



RICARDO DINIZ NOS BASTIDORES DE UMA ENTREVISTA

Chega sempre antes da hora, talvez por feitio, talvez por hábito criado em Inglaterra, onde viveu vários anos. Para esta entrevista levou três diários, um álbum de fotografias e um *dossier* da sua próxima viagem (a circum-navegação da zona económica exclusiva portuguesa), pela primeira vez a bordo de um barco que é seu. No sofá da sala de um hotel do Chiado com vista para o castelo e o Tejo, descalça as sandálias, cruza as pernas em posição de lótus e abre um dos cadernos, forrado a papel pardo, escrito em letra regular e miúda: «coisas», diz ele, que gostaria que um dia os filhos – são dois, o Miguel e a Madalena, com 6 e 4 anos – lessem. São impressões, memórias e declarações de amor aos filhos, muitas delas escritas ainda antes de querer ser pai. Mostra depois um álbum de fotografias antigas, dele e dos barcos e dos mares por onde passou, das viagens solitárias feitas sem pressa de chegar, tal como a conversa. O *entrepreneur* fala devagar dos barcos e do mar. Como é costume, acordou às seis da manhã. Conta que de cada dia faz três. A meio do segundo, começa então a entrevista.

**ALEXANDRA
TAVARES TELES**
Jornalista

PRODUÇÃO E MAQUILAGEM DE CATARINA VASQUES RITO.

Há relatos de alucinações.

— Sim e é fruto do cansaço. Juro a pés juntos que fui abordado por um semirrigido que se encostou ao meu barco e que uns homens disseram: «É este o barco.» Subiram a bordo. Ouvi os pés deles. Vim cá para fora e não encontrei ninguém.

Leva livros a bordo?

— Não leio muito nos primeiros dias, mas depois gosto de ler. Levo biografias, essencialmente. Pouca coisa. A roupa necessária, comida, materiais para poder remendar o barco. Não levo muitos luxos. A minha almofada, uma manta. A escova de dentes. E vou revelar um segredo, desta vez talvez leve um ser vivo. Adoro gatos e talvez leve um.

O que quer fazer com este barco?

— Tem várias missões. A primeira é o Montepio Mare Nostrum, um projeto que idealizei em 2004, mas só agora posto em prática. Vou circum-navegar a zona económica exclusiva portuguesa. Porque Portugal é mar. E não se trata de uma coisa romântica, mas essencial. O futuro da economia precisa do mar. Vou interagir com os portugueses em banda larga, Skype, vídeos em direto nos telejornais. E vou estar em direto, no *site*. Vamos colaborar também com a comunidade científica.

A expedição, em julho, envolve riscos?

— Primeiro, é muito difícil porque vou no perímetro da linha, vou passar mesmo na fronteira marítima portuguesa. No fim, posso apanhar alguns furações. Já levei com três. É um inferno aquático.

Para quando a sonhada volta ao mundo?

— As milhas que já fiz equivalem a três voltas ao mundo. Agora tenho condições para a fazer, mas ainda não vou realizá-la. Antes, vou ter outras expedições. Dou muito valor às comunidades portuguesas no mundo, tenho alguns negócios nesse sentido e gostava de utilizar este barco para também potenciar e reforçar essas ligações.

Quando está em terra, o que faz?

— Palestras, reuniões, levar os miúdos à escola. E os miúdos baldam-se muito à escola. Eu educo os meus filhos no campo. Não na escola. E sempre sem televisão. Eles crescem com as batatas e com as galinhas. Viajam comigo para todo o lado, em Portugal, para já. Acho que a educação é isto. Não temos de ser iguais a ninguém. Temos é de ser felizes. Esta coisa de sair de uma caixinha, que é a escola, e ir para outra, que é a universidade, a viver em casa dos pais até aos 32 e depois ir para outra caixinha chamada trabalho, que não dá garantias nenhuma, para depois acabar na caixinha final, que é o caixão, é um desperdício. Falo disso nas minhas palestras. E já houve miúdos que desistiram do curso por causa do que me ouvem dizer.

Como é que se prepara para o mar?

— Correr, nadar, andar de bicicleta. Faço centenas de quilómetros de bicicleta. Corro cem quilómetros por mês. Gosto muito de saltar à corda. Afasto-me muito do sol. Nunca estou na praia. Faço *surf*, mas com muito protetor. Raramente me bronzeio.

Já não tem essas sete empresas que teve?

— Não. Está tudo muito simplificado. Basta uma *holding* que me permite de tratar de várias coisas.

Ganha muito dinheiro com o mar?

— Faturamos, às vezes, bastante. Mas, pessoalmente, estive dois anos sem ganhar um cêntimo. Não tirei ordenado. O que recebo neste momento é o mínimo para cobrir renda, comida, escola dos meninos e pouco mais. Não preciso de dinheiro. Adoro investir nas pessoas. Parajá, tenho uma vida muito simples. Pago trezentos euros de renda, vivo numa quinta pequena, na margem sul.

Quando lhe perguntam que profissão tem, o que responde?

— *My business is being me* [O meu negócio é ser eu]. É talvez a melhor explicação. ●

